

## LÍNGUA INDÍGENA TERENA: DA LÍNGUA ANCESTRAL AOS ATUAIS PROCESSOS DE REVITALIZAÇÃO NO NORTE DE MATO GROSSO

### TERENA INDIGENOUS LANGUAGE: FROM ANCESTRAL LANGUAGE TO CURRENT REVITALIZATION PROCESSES IN NORTH OF MATO GROSSO

Neusa Inês Philippsen<sup>1</sup>  
Nilce Alcantara Gabriel<sup>2</sup>  
Jislaine da Luz<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica, embasada na Sociolinguística e Etnografia da Comunicação, realizada em duas aldeias Terena no norte de Mato Grosso, com o objetivo de analisar os percursos linguísticos da língua indígena Terena e os efeitos das iniciativas de revitalização (Costa, 2013). Os resultados mostraram mudanças e variações nos ambientes em que a língua indígena é utilizada e a relação com os papéis sociais presentes nas aldeias. em se tratando de aspectos culturais compartilhados, a língua mostrou-se um instrumento cultural, influenciando concepções sobre a memória e a identidade cultural do povo Terena de Mato Grosso.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Etnografia da Comunicação; Língua indígena Terena em Mato Grosso.

**Abstract:** This article presents a qualitative research study employing an ethnographic approach based on sociolinguistics and communication ethnography. The study was conducted in two Terena villages in the north of Mato Grosso, with the aim of analysing the linguistic pathways of the Terena indigenous language and the effects of revitalisation initiatives (Costa, 2013). The results demonstrated changes and variations in the environments in which the indigenous language is used and the relationship with the social roles present in the villages. With regard to shared cultural aspects, the language was found to serve as a cultural instrument, influencing conceptions about the memory and cultural identity of the Terena people of Mato Grosso.

**Keywords:** Sociolinguistics; Ethnography of Communication; Terena Indigenous Language of Mato Grosso.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Curso de Letras) e dos Programas de Mestrado PPGLetras e Profletras – *Campus* Universitário de Sinop. neusa.philippsen@unemat.br. ORCID: 0000-0003-0406-3984.

<sup>2</sup> Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, atua como professora na Escola Estadual Elio Turi Rondon "Terena". nilce.alcantara@unemat.br. ORCID: 0000-0001-6077-1956.

<sup>3</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, na linha de estudos linguísticos. Professora de Língua Portuguesa na educação básica do Estado de Mato Grosso. jislaine.luz.2015@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6394-5787.

## Introdução

Conhecer e conhecer-se através da língua é o fator principal que motivou esse trabalho de pesquisa, realizado por uma acadêmica indígena da etnia Terena consciente do papel social da língua Terena no Norte de Mato Grosso intimamente relacionado a ações de reafirmação da identidade indígena e fortalecimento da identidade coletiva do povo, ou seja, ambos permeados por valores afetivos e culturais que englobam as questões referentes ao papel social que a língua desenvolve nas Aldeias entre indígenas falantes e não falantes da língua Terena.

O objetivo da presente pesquisa buscou analisar os percursos linguísticos da língua indígena Terena e os efeitos das iniciativas de revitalização em duas aldeias no Norte de Mato Grosso, sendo que o objeto de análise, a língua Terena falada em Mato Grosso, abrangeu também o trabalho com o mapeamento sociolinguístico das comunidades, assim como a investigação aprofundada dos percursos linguísticos da língua indígena Terena até a formação do léxico da língua do povo da língua em Mato Grosso, inseridos no espaço-tempo em transformação, considerando os deslocamentos e contatos interculturais. Ademais, também foram observados os efeitos das iniciativas de revitalização da língua e cultura realizados nas aldeias.

Nesse âmbito, seguem duas problemáticas que buscamos responder ao longo do texto, sendo: 1) Como se configura o léxico na língua Terena do Norte de Mato Grosso à luz da variação linguística? e; 2) Em que medida a pesquisa científica sobre o léxico da língua Terena em Mato Grosso pode contribuir nas ações de revitalização da língua nas comunidades pesquisadas?

O método comparativo foi adotado para se investigar no léxico como poderiam ter se dado as diferentes relações de contato entre os povos da área de estudo, das Aldeias Kopenoty e Kuxonety Poke'e, localizadas no Norte de Mato Grosso, em relação às Aldeias pertencentes ao estado brasileiro original do povo Terena, Mato Grosso do Sul, considerando desde seus modos de fala ancestrais, antigos do ponto de vista históricos, até a atualidade, influenciados por inúmeros fatores da vida moderna. A análise do léxico ocorre, portanto, em uma perspectiva sócio-histórica-comparativa.

A estrutura dos tópicos do artigo está distribuída da seguinte forma: Língua materna indígena Terena, seu lugar na família linguística Aruak e os diálogos com a revitalização; breve compêndio histórico do povo Terena: trajetória de contatos linguísticos; entrelaçamentos teóricos; percurso metodológico; discussão dos resultados e considerações finais.

## 1 Língua materna indígena Terena, seu lugar na família linguística Aruak e os diálogos com a revitalização

A língua Terena pertence à família linguística Aruak e os trabalhos em relação à sua descrição ainda são restritos, havendo poucos estudos científicos sobre o tema. Conforme estudos de Silva (2013), a primeira descrição da língua Terena foi feita pelos missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), na década de 1960, com fins de evangelização, exercendo grande influência na mudança dos rituais do povo Terena, já em território brasileiro, e que perdura até os dias atuais. De acordo com dados de Rodrigues (2013, *apud* Duarte, 2016, p. 33), “as línguas com o maior número de falantes são o Ticuna (30.000); o Kaingang (28.000); o Macuxi (23.500); o Terena (20.000); o Guajajara (19.500) e o Yanomami (15.700)”.

O contato com a sociedade não-indígena acarretou importantes mudanças culturais e linguísticas entre os povos, especialmente em relação às suas práticas sociais de interação, sendo essas influenciadas pela modernidade e pelo aprendizado inevitável da língua portuguesa, já que os Terena representaram uma parcela de mão de obra explorada no meio rural, tendo, como consequência, um número cada vez maior de indígenas não falantes da língua materna (Nascimento, 2012). Seki (1999) contribui com ponderações acerca das dificuldades de se manter a cultura e a língua diante da imposição da ideologia dominante e dos danos causados às comunidades, contudo, traz esperanças ao abordar sobre a importância da realização de pesquisas sobre as línguas indígenas:

Neste sentido, a realização de pesquisas sobre as línguas indígenas é importante para o contexto que vivenciamos hoje, visto que proporciona a elas maiores recursos para sua revitalização e alternativas para uma política linguística. Portanto, as pesquisas linguísticas possuem relevância científica e social, propiciando conhecimento da linguagem humana e da diversidade linguística, que se manifesta de forma particular e única em cada língua; e contribui com a comunidade falante da língua estudada, oferecendo suporte para que seja preservada e revitalizada (Seki, 1999, p. 245).

O povo Terena, em sua maioria bilíngue, falantes de língua portuguesa em uma frequência maior do que a língua indígena, possuem uma relação de afetividade e simbolismo muito pujantes nas comunidades. Motivo de orgulho e com ampla gama de relação com os não-indígenas, a língua Terena passou a ter um lugar especial no convívio íntimo, não sendo objeto de diferenciação entre os indígenas e os *purutuyes*. Falar de revitalização entre os Terena, é assunto que causa certo desconforto, pois o sentimento é que a língua segue forte, mesmo que reservada ao convívio apenas de poucos grupos indígenas, geralmente os quais se reúnem os idosos. Como pondera Costa (2013):

Como já existem casos de revitalização de uma língua que funcionaram, e outros que estão em processo, sem dados conclusivos, é válido e científico posicionar o processo de retorno de uma língua como uma questão ainda em estudo, que precisa ser melhor explorada para oferecer subsídios para a tomada de decisão do grupo. Não que a ciência consiga frear ou acelerar o processo que hoje acontece em muitas etnias, que é a busca da língua indígena deixada de ser falada, pois os grupos estão construindo alternativas, mas seria interessante a Linguística não ignorar as demandas que surgiram e surgem nas comunidades, quando essas adotam políticas próprias com poucos recursos e apoios técnicos (Costa, 2013, p. 15).

Assim, a questão das importantes iniciativas para essa revitalização da língua Terena é reconhecida pelo povo, porém, as diversas metodologias aplicadas que estão inseridas em uma escola indígena nessa situação, advém da vontade do povo que querer empregar sua língua de determinadas maneiras. Convergente com muitas situações semelhante em outras etnias, é fundamental destacar que os Terena possuem um acervo didático específico, apoio técnico e pedagógico bastante aquém da real necessidade, o que pode interferir no aprendizado dessa língua indígena, agora tida como uma segunda língua, pois o português é adotado como primeira na maioria das interações.

Entretanto, as iniciativas especialmente com as crianças, a partir da educação escolar, parecem estar mudando esse horizonte limitado de falantes, mas ainda é precipitado elencar uma ou outra pedagogia que tenha dado um resultado mais satisfatório do ponto de vista da ampliação do número de falantes. O tempo e as tentativas que envolvem esse percurso de tornar uma língua indígena em desuso ativa novamente entre todas as faixas etárias, requer uma análise científica mais demorada para uma ponderação de resultados mais realistas para o povo indígena.

## **2 Breve compêndio histórico do povo Terena: trajetória de contatos linguísticos**

A história do povo Terena e sua trajetória de deslocamentos, assim como a de outros povos, foi marcada “por permanências e mudanças” (Silva, 2013, p. 21), confirmando o que Ladeira (2001) já afirmou em seus estudos sobre o povo Terena, proveniente do Chaco Paraguai/Boliviano, região também conhecida como Ênxiva e do subgrupo da nação Guaná no Brasil.

Antes mesmo da colonização os povos indígenas já habitavam o território brasileiro. Os contatos dos Terena com os europeus foram descritos desde o século XVI, no início da colonização do Brasil. Houve muitas mudanças, perdas e conflitos na vida dos indígenas com a chegada dos não-indígenas em seu local de origem, passando por grandes processos, como a

resistência à submissão aos colonizadores, com isso levando à dizimação de milhões de indígenas, por extermínio e por doenças trazidas pelos colonizadores. Dentre as perdas irreparáveis para os indígenas, a língua indígena foi a mais afetada pela colonização.

O cruzamento do Rio Paraguai em direção ao atual estado de Mato Grosso do Sul no século XVIII foi o fato histórico mais importante e o que possibilitou o maior contato do povo Terena com falantes da língua Portuguesa no Brasil. Por sua vez, a Guerra do Paraguai causada por disputa territorial entre Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai, em 1864, foi o principal acontecimento que causou a morte de muitos indígenas Terena, pois participaram da guerra para assegurar seus territórios onde viviam.

## **2.1 O deslocamento para o estado de Mato Grosso: relatos de uma difícil jornada**

O povo indígena Terena se autodenominou como *os Terenas de Mato Grosso*, por haver Terenas em outros estados brasileiros, e em especial porque são remanescentes do estado de Mato Grosso do Sul. A sua luta em busca por uma terra durou aproximadamente 5 anos na beira da rodovia BR-163, em Mato Grosso.

Conforme relato coletado do filho<sup>4</sup> do edificador da luta Terena pela terra no Norte de Mato Grosso, no ano de 1982, houve a vinda da primeira família para o estado de Mato Grosso, liderada pelo senhor Hélio Turi Rondon, pertencente à etnia do povo indígena Tapirapé, nascido no dia 30 de outubro de 1933, no município de Santa Terezinha-MT, Aldeia Indígena Urubu Branco. Essa família viveu, posteriormente, na Terra Indígena Buriti-MS e por um tempo na cidade de Rondonópolis-MT, propriamente em território do povo Indígena Bororo.

Entretanto, o verdadeiro destino do grupo era chegar até ao povo indígena Tapirapé, no município de Confresa - MT, devido ao chefe da família, o senhor Hélio Turi Rondon, ser pertencente a esse grupo étnico. Abaixo, o relato trazendo a visão dos fatores que motivaram o deslocamento:

Trazemos alguns dos fatores que os motivou a sair da Terra Indígena Buriti, localizada no município de Dois Irmãos do Buriti - MS, o primeiro fator foi a preocupação do crescimento de sua família em território indígena Terena, e por não pertencer propriamente ao povo indígena Terena, pertencendo ao povo indígena Tapirapé, então se viu no direito de sair em busca de uma área para viver com sua família. O segundo fator foi a perda de um casal de filhos no mesmo ano, sendo eles, Cilta Jorge e Eli Jorge Rondon, esses acontecimentos foram considerados pelo senhor Hélio Turi Rondon que aquele lugar já estava trazendo má sorte e que tinham que se mudar para outro território. O terceiro fator foi o crescimento da população indígena Terena na

---

<sup>4</sup> Informações coletadas através de uma entrevista realizada com Eliel Jorge Rondon, filho do senhor Hélio Turi Rondon, na data de 13 agosto de 2022.

terra indígena Buriti, com isso, a preocupação de insuficiência de terra para a sua família viver isso por que Hélio Turi Rondon era migrante entre os Terena, sendo assim, pretendendo oferecer melhores condições de vida para sua família, decidiu partir para o estado de Mato Grosso, rumo ao povo Tapirapé, pois ele sabia que tinham muitas terras do outro lado do estado no Vale do Araguaia (Depoimento coletado em 13 de agosto de 2022).

Na figura a seguir, apresentamos fotografia do senhor Hélio Turi Rondon, datada de 1988:

Imagem 01: Hélio Turi Rondon



Fonte: arquivo da escola Elio Turi Rondon “Terena”, Peixoto de Azevedo, 2022.

Por falta de recursos financeiros, a família do senhor Hélio Turi Rondon residiu por um período no município de Rondonópolis, Mato Grosso, em terras indígenas do povo Bororo. Como já dito, o seu destino, ao saírem da Aldeia Buriti, terra indígena Terena do estado de Mato Grosso do Sul, seria o município de Confresa, na Aldeia Urubu Branco em Mato Grosso, aldeia de origem do senhor Hélio Turi Rondon.

O senhor Hélio Turi Rondon trouxe consigo aproximadamente vinte pessoas nessa vinda. Assim, relata outro pesquisador, Isaac (2004), o qual acompanhou e agregou junto a outros pesquisadores a luta por um pedaço de terra que fosse destinado ao povo Terena de Mato Grosso, observando a distribuição dos núcleos familiares que definiram a formação dos líderes e das próprias aldeias:

Os primeiros quatro núcleos familiares que se instalaram em Rondonópolis foram constituídos das seguintes pessoas: Catarina Jorge/Hélio Turi Rondon e filhos, Milton Jorge Turi Rondon/Brasiliana Clementino e filhos, Martim Mário/viúvo de Silta Jorge e filhos e Cleofa Jorge Rondon/João Adão Spigotte. É importante observar essas constituições familiares, pois elas servirão de base para mostrar como a Sociedade Terena recompôs a sua estrutura social a partir das relações de parentesco (Isaac, 2004, p.77).

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) alegou inicialmente não ter o recurso suficiente para permitir que eles chegassem até o seu destino, então os hospedaram por alguns dias em uma chácara que pertencia à saúde, ficaram nesse lugar até que a FUNAI pudesse resolver a situação do grupo, logo a FUNAI teve a ideia de colocar essas famílias Terena em uma reserva do povo indígena Bororo na aldeia Tadarimana no município de Rondonópolis.

Ainda conforme o relato coletado, o filho do senhor Hélio Turi afirmou que:

Com o passar do tempo, as crianças da família do senhor Hélio Turi Rondon foram crescendo e tornaram-se jovens naquela comunidade do povo Bororo; alguns dos jovens namoraram e casaram com jovens do povo Bororo, assim nasceram crianças miscigenadas dos dois povos indígenas, Terena e Bororo, portanto, a partir disso os dois povos passaram a ser inseparáveis, compartilhando seus costumes e suas culturas, dessa forma foram criando raízes no estado de Mato Grosso, isso os deu ênfase de direito a se autodenominarem como Terenas de Mato Grosso. Os Terenas sentiram a preocupação em continuar seus estudos, assim logo procuraram uma unidade escolar em que pudessem estudar, para que futuramente pudessem ingressar em uma faculdade; essa era a expectativa dos mais velhos para os jovens Terena, principalmente do senhor Hélio Turi, que acreditava que os estudos preparariam os estudantes indígenas a buscar e a lutar pelos seus direitos, e concorrer por igual com os não indígenas por uma vaga em uma universidade, esse era um dos anseios que os mais velhos tinham para as futuras gerações. A dificuldade maior nisso era o difícil acesso à escola, pois a escola onde iriam estudar ficava do outro lado do rio Vermelho, fazendo a divisa da aldeia, a escola era municipal, localizada em uma pequena comunidade com o nome fantasia de Gleba Dom Bosco, Escola Rural Municipal Mista Gleba Dom Bosco. Os estudantes, todos os dias, tinham que atravessar o rio Vermelho, enfrentando grandes desafios e dificuldades até chegarem à escola em que estudavam (Depoimento coletado em 13 de agosto de 2022).

Os caminhos percorridos pelos estudantes Terena nunca foram fáceis pois, ao saírem de sua aldeia, se deparavam outrossim com outra realidade cultural, por isso muitos desistiram de seus estudos, por conta das diferenças culturais e costumes dos não-indígenas, mas o

pensamento de crescer intelectualmente nas mentes de alguns jovens falava mais alto, pois, para eles, a única forma de aumentar seus conhecimentos, crescer economicamente e futuramente ter uma profissão, seria por meio da educação, ou seja, de seus estudos, visto que cresceram ouvindo os mais velhos da família dizerem sobre a importância dos estudos.

A situação mais caótica ocorreu por volta do ano de 1988, quando houve a retirada da família do senhor Hélio das terras do povo Bororo, e, sem ter um espaço de terra para moradia, se abrigou na periferia de Rondonópolis; nesse local a família passou por péssimas condições.

No ano 1998, veio para a cidade de Rondonópolis mais uma caravana com aproximadamente oitenta e cinco pessoas articuladas pelo senhor Cirenio Reginaldo<sup>5</sup> e Milton Rondon, filho do senhor Hélio Turi Rondon, juntamente com lideranças indígenas da Terra Indígena Buriti-MS, das aldeias Água Azul e Recanto Córrego do Meio, todos com o mesmo objetivo, em busca de uma área para viverem com suas famílias. Luz (2020) traz em sua pesquisa a seguinte narrativa sobre esse fato:

Com certeza essa transição foi muito sofrida e foi uma luta muito longa. Eu sou um fruto dessa luta que se inicia com a vinda de meus avós e família para o Estado de Mato Grosso, e daí em diante, uma árdua procura por um lugar, um pedaço de chão para que ali essa família pudesse fazer o que mais eles sabiam, plantar, colher, construir. Mas isso demorou muito a se concretizar, foi necessário ver e ouvir que se retirassem das terras do povo da minha mãe. Foi necessário que esse povo perambulasse por periferias de Rondonópolis até se organizarem e partirem para os bloqueios de rodovias, com objetivo principal de que a imprensa divulgasse que naqueles dias existiam famílias indígenas sem um bem, que naquele momento seria o mais precioso, o mais necessário para a continuação de suas gerações, no qual é um pedaço de chão de terra, talvez. E esse bem só veio a nós depois de muito lutar, como passar dias em rodovias, de muito se decepcionar com políticos que diziam que iam resolver o problema. Depois de inúmeras reuniões, depois de ver famílias retornarem à terra de origem, depois até de perdermos companheiros de luta, pais de famílias, finalmente conseguimos um lugar, uma terra, que hoje tem dado a oportunidade a nossos irmãos de ter dignidade, onde podemos criar os nossos filhos e educar, de revitalizar a nossa cultura, de poder plantar, colher, construir nossas casas e de viver como indígenas, verdadeiros indígenas, pois conseguimos nosso objetivo conseguimos, uma reserva para vivermos (Depoimento coletado em 18 de novembro de 2019, *apud* Luz, 2020, p. 38-39).

No dia 16 de dezembro de 1998, chegou em Rondonópolis o primeiro ônibus, no dia seguinte, dia 17 de dezembro, os indígenas iniciaram protestos na BR de Rondonópolis; o segundo ônibus chegou no dia 18 de dezembro com mais indígenas Terena; então, fizeram dois dias de bloqueio, sexta-feira e sábado, no domingo a FUNAI entrou em contato com os indígenas para que houvesse uma possível negociação entre eles, e, nesse mesmo dia, houve a

---

<sup>5</sup> Informações coletadas por meio de entrevista feita com Cirenio Reginaldo, no dia 12 de janeiro de 2023.

negociação com a FUNAI, liberaram o bloqueio que haviam feito e foram todos para a cidade de Rondonópolis, algumas pessoas foram para hotéis e outros ficaram em uma chácara, ficando aproximadamente dois meses nessas instalações.

As razões do deslocamento para o Norte de Mato Grosso envolveram questões relacionadas a espaço para cultivo e para sobrevivência, conforme os costumes do povo. A quantidade de pessoas aumentou, houve alianças com os povos Bororo, Tapirapé, Kadiwéu e Guaná, o que inviabilizou a permanência na mesma área desses núcleos familiares que resolveram se aventurar nessa oportunidade em Mato Grosso. Por sua vez, as terras conseguidas no Norte de Mato Grosso foram conquistadas por meio de muita luta e negociações políticas.

## **2.2 Perfis sócio-históricos das comunidades pesquisadas**

Como já mencionado anteriormente, a pesquisa foi realizada em duas Aldeias: Aldeia Kopenoty, localizada próxima ao Distrito de União do Norte na BR 322, no município de Peixoto de Azevedo-MT; e Aldeia Kuxonety Poke'e, localizada na Terra Indígena (TI) do Iriri Novo, que faz divisa com o estado do Pará. A seguir abordaremos aspectos sócio-históricos de cada comunidade.

A Aldeia Kopenoty<sup>6</sup> possui aproximadamente 30 hectares; nela habitam 25 famílias, a divisão do núcleo familiar é feita por sobrenomes. Aproximadamente 100 pessoas vivem nela atualmente; a população da aldeia Kopenoty vem crescendo no decorrer dos anos; nela há uma diversidade de cultura, crenças e línguas que permeiam a comunidade, por conta do contato com outros povos indígenas que habitam juntamente com o povo Terena, como, por exemplo: Bororo, Tapirapé, Kaiapó, Panará e até mesmo não-indígenas que casam com indígenas e, na maioria das vezes, acabam indo morar na Aldeia, compartilhando seus conhecimentos linguísticos e culturais. No ano de 2003, iniciaram-se as construções das casas na área cedida; elas foram construídas para cada família.

As casas foram construídas em alvenaria. Após as construções das casas, houve a busca pela construção de uma escola na aldeia Kopenoty para atender aos estudantes da comunidade. As principais pessoas que lutaram diretamente em busca da construção da escola foram: Cirenio Reginaldo e Cicera Chagas, ambos foram os principais articuladores em busca da inserção da escola, se deslocaram para Cuiabá em busca de apoio, pois a preocupação da educação escolar

---

<sup>6</sup> Informações coletadas em caderno de campo a partir da fala de Samuel Colman, indígena Terena e membro da aldeia Kopenoty em um evento do dia 19 de abril de 2021, realizado na aldeia Kuxonety Poke'e.

das crianças, jovens e até mesmo adultos sempre foi e ainda é de suma importância para a comunidade Terena. Na próxima imagem, apresenta-se a escola já construída:

Imagem 02: Escola Elio Turi Rondon “Terena”



Fonte: arquivo da escola Elio Turi Rondon “Terena”, Peixoto de Azevedo, 2010.

A Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”<sup>7</sup> foi criada em 18 de fevereiro de 2004, pelo Decreto de criação nº2587/2004, localizada às margens da MT 322 km (antiga BR 080), no Distrito União do Norte, Município de Peixoto de Azevedo, em Mato Grosso, tem um papel fundamental na história da comunidade, pois foi a partir da criação da escola que as ações mais importantes começaram a ganhar força, principalmente na reativação das práticas culturais e na revitalização da língua Terena.

A presença das aulas de língua materna, enquanto disciplina curricular obrigatória, oportunizou aos estudantes indígenas momentos de falar, escrever e ampliar seus conhecimentos sobre a língua Terena, visto que, durante a luta em busca de uma área para viver e o intenso contato com diversidade cultural e linguística acelerou o processo de desuso da língua entre os indígenas terena que entra em estado de revitalização impulsionado também pelas práticas existentes no ensino formal

---

<sup>7</sup> Informações coletadas do Projeto Político Pedagógico - PPP da escola Elio Turi Rondon “Terena” (2022).

A Aldeia Kuxonety Poke'e, segundo lócus da pesquisa, está localizada na Terra Indígena Terena no Iriri Novo no município de Matupá. Foi demarcada e homologada no ano 2006 e, a partir da demarcação da área indígena, algumas famílias se deslocaram para a Terra do Iriri Novo; foram se instalando e construindo casas tradicionais (ranchinhos)<sup>8</sup>, com isso, formou-se a comunidade que hoje é conhecida como Aldeia Kuxonety Poke'e e que tem o significado de *Terra Esperada*, por ser a terra tão esperada pelo povo Terena. Mas antes disso, como já dito, o povo Terena enfrentou muitas lutas e dificuldades até a terra ser demarcada como área indígena do povo Terena. Assim relata o atual cacique<sup>9</sup> da comunidade Kuxonety Poke'e:

A Aldeia Kuxonety desde 2003 nós já ia (sic) para lá visitar, nós ia e voltava, nossa área ainda não era demarcada, aí nós vivemos assim em 2003, 2004 e no ano de 2005 acontece aquele conflito entre o nosso povo e o povo Kaiapó, eles tiraram nós de lá em setembro, no final de setembro, nós fomos para Kopenoty e dali começamos pressionar as autoridades para demarcar a terra, quando foi em 2006 demarcaram lá, aí final de 2006 para 2007 nós fomos embora para lá. A princípio foram morar lá, eu, Antonio Jorge, Pedro, Aristide, nós ficávamos direto lá, o resto do pessoal ia e voltava, quando acaba a chuva eles voltavam para lá (Depoimento coletado em 06 de janeiro de 2023).

Abaixo, podemos ver uma das casas construídas na Aldeia Kuxonety Poke'e, construída no início da criação da Aldeia:

---

<sup>8</sup> Ranchinho é o termo que define a condição de moradia das famílias Terena, sendo que, segundo Sánchez Labrador (1910), pesquisador citado pelo ISA (Instituto Socioambiental, 2020), antigamente cada ranchinho media "de 16 a 20 jardas de comprimento por 8 de largura" e no qual viviam um "capitão [...] junto com seus irmãos e seus parentes [...] [e] cada casa tinha cinco portas". Se considerarmos que casas nestas dimensões (15 x 7 metros) abrigariam entre 20-30 pessoas, haveria cinco grupos domésticos delimitados pelas suas "portas".

<sup>9</sup> Informações coletadas por meio de entrevista feita com o cacique da aldeia Kuxonety Poke'e Cirenio Reginaldo, no dia 12 de janeiro de 2023.

Figura 03: Casa tradicional da aldeia Kuxonety Poke´e



Fonte: Arquivo da escola Elio Turi, Peixoto de Azevedo, 2008.

A área indígena Terena Iriri Novo tem aproximadamente 30 mil hectares demarcados, envolvida em um contexto ambiental com fazendas vizinhas de produção de soja, criação de gado, sendo que essas atividades agrícolas também estão presentes no interior da Aldeia, comprovando a vocação agrícola do povo Terena.

A escola<sup>10</sup> Komomoyea Kovoero foi criada em 2008 com data da publicação em 21 de agosto de 2008 e com o ato de criação 1536/2008. Assim que foi criado e aprovado o funcionamento da escola da Aldeia Kuxonety Poke´e, houve uma grande procura pela escola por parte de jovens indígenas do povo Kaiapó, para que pudessem estudar regularmente, pois suas Aldeias tinham difícil acesso à cidade de Matupá, município a que suas Aldeias pertenciam.

---

<sup>10</sup> Informações coletadas do PPP (Projeto Político-Pedagógico) da escola Komomoyea Kovero da aldeia Kuxonety Poke´e.

Figura 04: Escola Komomoyea Kovoero na aldeia Kuxonety Poke´e



Fonte: arquivo pessoal de Micael Turi, Peixoto de Azevedo, 2023.

A partir de então, a escola Komomoyea Kovoero passou a atender vários povos indígenas e, com isso, os alunos passaram a compartilhar uma diversidade de culturas, línguas e costumes que passaram a fazer parte de sua formação humana e identitária.

### **3 Entrelaçamentos teóricos entre Sociolinguística, Etnografia da Comunicação e Cultura: Conceituações e aproximações**

A abordagem teórica que apresentaremos nesta seção consideram os estudos de Osório e Martins (2019), Hymes (1972) e Lima-Hernandez (2007). Para iniciarmos o debate teórico, apresentaremos, brevemente, algumas visões dos autores, pontos e contrapontos que enriquecem a pesquisa nos campos científicos da Sociolinguística e da Etnografia da Comunicação em suas diferentes nuances e concepções.

A Sociolinguística, enquanto campo científico, analisa a diversidade não só das línguas e suas variedades, como também das próprias relações sociais que se estabelecem entre os seres humanos, entre o código linguístico e tantos outros códigos com os quais convivemos e

construímos um ordenamento e compreensão das coisas, pois, como afirmam Osório e Martins (2019, p. 118-119), a língua “é o quadro e a matriz do pensamento coletivo e condiciona a experiência dos que a falam”.

No que concerne ao estudo da língua em uso, consideramos, do ponto de vista da Sociolinguística, que ela abrange os traços socioculturais que definem a identidade do falante, de sua comunidade e suas atitudes, sendo que convergem igualmente em direção ao objeto da Sociolinguística, a língua falada em seus movimentos de variação e representam uma relação de reciprocidade.

Pensar a língua nas interações sociais nos traz, também, para o âmbito da Etnografia da Comunicação referendada por Hymes<sup>11</sup> (1972), que se amplia para as questões de identidade locais e pertencimentos. Aspectos que implicam diretamente nas práticas sociolinguísticas culturais das comunidades de fala e suas escolhas linguísticas, assim como nas formas de uso da língua na organização dos eventos comunicativos.

Corroborando a ideia de Hymes acerca desses diferentes fatores, é importante salientar que, apesar de existirem e plausíveis de análise, esses fatores não se separam, sendo intrinsecamente ligados e sobrepostos nas várias interações dentro da comunidade de fala, o que gera a especificidade dessa dada comunidade, fatores esses que tornam as escolhas sociolinguísticas peculiares dessa mesma comunidade, o que a difere de outras, e afirma o conceito de comunidade de fala<sup>12</sup> a partir dessas relações específicas entre esses fatores em suas interações comunicativas. Assim:

Pode-se também definir comunidade de fala segundo as perspectivas linguística e não linguística, contudo padrões de uso da língua não definem sozinhos uma comunidade a ser investigada, porque, em qualquer nível de comunidade de fala selecionada para estudo, as funções sociais da linguagem incluirão funções limite de separação, unificação e estratificação (Lima Hernandez, 2007, p. 06).

Ademais, a tríade em que nos pautamos envolve a língua em uso, a organização social e a cultura, sendo fundamental estabelecer os diálogos necessários para analisar e aclarar os comportamentos linguísticos evidenciados pelos fenômenos encontrados na pesquisa, a qual se utiliza desse enredamento teórico, que, separadamente, não dá conta do retrato sociolinguístico

---

<sup>11</sup>Dell Hymes, precursor da Etnografia da Comunicação, assevera que a língua não pode ser separada de seu uso, sendo situada social e politicamente em uma comunidade de fala.

<sup>12</sup> Neste sentido, o conceito de comunidade de fala não deve ser reduzido a apenas um grupo que “fala” a mesma língua, sendo que, nesse âmbito, podemos observar várias comunidades de fala dentro de um grupo maior que compartilha o mesmo idioma.

desejado para uma compreensão e elucidação mais fidedigna da realidade dos falantes sujeitos do estudo.

#### **4 Procedimentos metodológicos e análise dos dados**

Para iniciarmos o debate que engloba os fatores sociais e definição dos mesmos na caracterização da pesquisa sociolinguística e etnográfica que se apresenta, trazemos à baila Freitag (2011), a qual os menciona como mecanismos de controle das variações que se apresentam em um fenômeno linguístico.

É necessário frisar que, para essa amostra, que foi observado o número de informantes que se autoindicavam como falantes da língua Terena, o que acarretou algumas dificuldades na construção do quadro de atributos, pela escassa rede de usuários plenos da língua, caso contrário, a pesquisa não seria viável.

No caso dos atributos, apresentamos os perfis sociais: idade, sexo, escolaridade, etnia, origem, papel social que desempenha ou emprego, línguas que o(a) informante fala e tempo de residência na Aldeia. A leitura de INF1MKO/INF6FKU deve ser feita da seguinte forma: INF = informante; 1/6 a ordem numeral de cada informante; F/M feminino e masculino e Ko/Ku = Kopenoty/Kuxonety Poke'e. Conforme afirma Freitag (2011), nas amostras podem haver exceções nos casos de pesquisas em contextos espaciais, como a realizada em comunidades indígenas, em que se faz necessária a adequação para uma análise de dados com maior confiabilidade e que represente a realidade sociolinguística da comunidade de fala a ser estudada.

A idade também foi um dos fatores sociais que sofreu flexibilidade, pois sendo um indicativo importante para o objetivo principal que buscávamos evidenciar aqui, pois poderia apontar para o uso da língua falada entre os informantes jovens e os mais velhos (acima de 50 anos). Todavia, a amostra não se tornou significativa, visto que a maioria dos jovens não fala mais a língua Terena. Ademais, a escolaridade também foi revista, uma vez que os mais velhos, em geral, apresentaram menor ou nenhuma escolaridade; do mesmo modo a amostra não se tornou significativa e esse pressuposto não foi considerado.

A origem, neste caso, pôde demonstrar as influências de línguas em contato e da variação presente nos falares Terena em diferentes comunidades e estados, mais especialmente, em relação ao falar Terena oriundo do Mato Grosso do Sul, somado ao tempo de residência na Aldeia, sendo que verificamos mudanças e variações resultantes dos novos contatos a partir dos

deslocamentos ao longo do tempo (o que mudou? O que foi acrescido na língua Terena em Terras Amazônicas? O que ficou em desuso entre os falantes?).

Foram selecionados, assim, 5 informantes de cada Aldeia, totalizando 10 pessoas, sendo: 4 mulheres e 6 homens, sendo que todas as entrevistas foram feitas presencialmente no mês de maio de 2023 e a escrita das palavras ou expressões era conferida imediatamente com o entrevistado, que acenava positivamente se estivesse certa ou pedia para modificar conforme a sua compreensão. Como métodos de coleta de dados para a nossa pesquisa etnográfica e sociolinguística foram utilizadas também observações de campo e participante nas conversas espontâneas que ofereceram um rico apanhado a ser filtrado e compilado para a análise qualitativa e evidenciação dos resultados obtidos.

Para a análise sociolinguística das comunidades, foi realizado um mapeamento entre os moradores quanto ao uso da língua Terena, em sua fala e nível de compreensão, o que foi determinante na escolha dos informantes e no estabelecimento dos atributos.

Assim, na Aldeia Kopenoty, constatamos que o percentual de pessoas que não falam a língua, mas entendem pouco atingiu os 52% (32 pessoas), os que entendem razoável são 33% (20 pessoas) e os que entendem muito são 15% (9 pessoas). Vale ressaltar que a escola tem a disciplina de Língua Materna em sua matriz curricular, sendo ensinada a língua Terena desde o 1º ciclo do ensino básico ao ensino médio, as pessoas entrevistadas foram pessoas com idades acima de 10 anos.

A situação da língua Terena na aldeia Kuxonety Poke'e é bem parecida com a realidade da aldeia Kopenoty, ou seja, o número de falantes fluentes é bem baixo, sendo o percentual de pessoas que não falam, mas entendem muito a língua de apenas 18% (10 pessoas), pessoas que entendem razoável de 27% (15 pessoas) e os que entendem pouco de 55% (30 pessoas).

Em relação aos questionários, foram aplicados três modelos que foram elaborados por nós, sendo: 1) seis questões que objetivavam fazer o levantamento populacional das comunidades pesquisadas; 2) doze questões abertas, voltadas a aspectos sociolinguísticos, dentre eles sobre a revitalização da língua Terena; e 3) trinta e cinco questões voltadas aos campos lexicais agricultura, pássaros, plantas, animais, cultura, alimentos e jogos e objetos de caça e pesca.

#### **4.1 Discussão dos resultados**

Para adentrarmos nesse tópico, antes se faz necessário destacar o relato do cacique Cirenio Reginaldo Francisco, da aldeia Kuxonety Poke’ê, acerca de um projeto idealizado para revitalizar a língua, mas que ainda não foi aplicado por falta de apoio financeiro:

Eu tenho um projeto de construir uma casa na beira do rio, uma casa boa, com estrutura bem feita, onde as crianças poderão ir e passar o dia inteiro lá. Eles teriam essa casa como uma segunda casa deles. As crianças poderiam brincar, pescar e nadar no rio, mas só depois de estudar e falar a língua Terena, eles iriam se comunicar um com outro só no idioma. Através disso iria estimular as crianças e jovens de hoje a querer falar a língua (Depoimento coletado em 16 de junho de 2023).

Cabe ressaltar que, esse ensino foi implementado somente a partir da Constituição de 1988 “que determina que a educação escolar indígena seja bilíngue, enfatizando a importância das línguas indígenas no processo escolar, particularmente em suas modalidades escritas” (Nincao, 2018, p. 73), um tempo relativamente curto, permeado por muitas dificuldades como citado pelo cacique.

Com relação às questões que objetivavam fazer o levantamento populacional das comunidades pesquisadas, os resultados obtidos foram os seguintes:

Já para os questionários 2 e 3, elaboramos tabelas com as respostas dos informantes de cada comunidade para cada questão. Para a amostra deste artigo, separamos apenas algumas que pretendem evidenciar os objetivos e propósitos da pesquisa, conforme se podem ver a seguir:

**Tabela 1: Questão metalinguística (questionário 2) da aldeia Kopenoty**

1. Como se escrevem as saudações (bom dia, boa tarde e boa noite) na língua Terena?

Identificação	Idade	Masc	Fem	Respostas
INF1MKO	55	X		Unati (bom dia), Unati kaxe (boa tarde) Iharoti (boa noite)
INF2FKO	51		X	Únati kaxe (bom dia), Únati (boa tarde) Únati (boa noite)
INF3MKO	48	X		Unati kaxe (bom dia), Unati kiyone kaxe (boa tarde) e Unati yoti (boa noite)
INF4MKO	45	X		Unati kaxe (bom dia/boa tarde), Unati yoti (boa noite)
INF5FKO	38		X	Unati kaxe (bom dia/boa tarde), Unati yoti (boa noite)

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2023.

**Tabela 2: Questão metalinguística (questionário 2) da aldeia Kuxonety Poke’ê**

1. Como se escrevem as saudações (bom dia, boa tarde e boa noite) na língua Terena?

Identificação	Idade	Masc	Fem	Respostas
INFMKU	74	X		Unati kaxe (bom dia) Unati kiyone kaxe (boa tarde) Unati yoti (boa noite)
INF7FKU	68		X	Unati kaxe (bom dia) Unati kiyone kaxe (boa tarde) Unati yoti (boa noite)
INF8MKU	56	X		Unati kaxe (bom dia) Unati kiyone kaxe (boa tarde) Unati yoti (boa noite)
INF9FKU	52		X	Unati kaxe (bom dia) Unati kiyone kaxe (boa tarde) Unati yoti (boa noite)
INF10MKU	41	X		Unati (bom dia) Unati kaxe (boa tarde) Unati (boa noite)

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2023.

Analisando as respostas dos informantes, observamos que a palavra *Unati*, sem acentuação gráfica, foi registrada por nove dos dez informantes das duas comunidades, apenas a informante INF2FKO, da aldeia Kopenoty, pediu para registrá-la com acentuação gráfica. Também encontramos divergências da escrita desse vocábulo nos dicionários que consultamos, o “Pequeno dicionário da língua terena Vemo’u: dicionário aruak-português para I e II grau” (1997), de Célio dos Santos Francisco e Marta Alexandre Francisco; e o “Estudo lexicográfico da língua Terena: proposta de um dicionário bilíngue Terena-Português” (2013), de Denise Silva. No primeiro, a palavra *Únati* aparece grafada com acento agudo na letra “U”, mudando foneticamente a pronúncia. Já no segundo o vocábulo aparece sem o acento e o significado é trazido como “*adj.* Bom.” (Silva, 2013, p. 249), ou seja, os informantes INF1MKO, INF2FKO da aldeia Kopenoty e INF10MKU da Kuxonety Poke’é apenas utilizaram o adjetivo citado sem o complemento da saudação.

Cabe salientar que houve bastante variação linguística nas respostas trazidas por nossos informantes, inclusive equivocando-se com a ordem da saudação, conforme se pode ver nos dois quadros acima, ademais, o que mais nos chamou a atenção foi a variante *Iharoti* trazida pelo informante INF1MKO, da Aldeia Kopenoty, para a expressão boa noite, variante essa que destoou das demais, que se assemelharam, embora em ordens distintas.

Pesquisamos nos dois dicionários supracitados, que foram a base de nossas consultas, mas não encontramos em nenhum dos dois, assim, buscamos pelo significado da variante em outras fontes e encontramos o seu significado na entrada de outro dicionário intitulado “Vocabulário Bilíngue Terena – Português” (Siqueira; Rodrigues, 2010) organizado por Idméa Semeghini-Siqueira e Livia de Araújo Donnini Rodrigues. Nessa obra encontramos a entrada

*Hiâroti*, com significado de “amanhã” (Siqueira; Rodrigues, 2010, p. 26). Observamos, ainda, que os informantes INF6MKU, INF7FKU e INF9KU não têm dificuldades na pronúncia da língua, mas encontram dificuldade em escrever a língua Terena, pois aprenderam a língua na oralidade através de seus pais, e isso dificultou e ainda dificulta a escrita em língua Terena.

Diante disso, observamos que o fator escolaridade contribuiu e contribui para a escrita ou não da língua e, como mencionado anteriormente, os falantes fluentes da língua são apenas as pessoas mais velhas da comunidade, no entanto, não frequentaram a escola na infância. A respeito disso a informante INF7FKU relata:

Eu não sei muito bem escrevê a língua materna, eu sei falá, mas não sei escrevê muito bem, porque eu aprendi a língua falando com meu pai e minha mãe, eles me ensinavam falando comigo, desde criança. Então eu não sei se tá certo, pra mim é assim que escrevi (Depoimento coletado dia 16 de junho de 2023).

Alguns informantes, que configuram a maioria, apresentaram um pouco de dificuldade na escrita das palavras na língua Terena, pois em vários momentos citaram que não sabiam se as palavras estavam corretas, diante disso, percebemos que a língua Terena do estado de Mato Grosso precisa, urgentemente, ser registrada em dicionários, livros e pesquisas. Neste sentido, reafirmamos a importância das pesquisas realizadas no campo das línguas indígenas, as quais possam proporcionar ao povo indígena material específico para o ensino da língua, visto que a situação das línguas indígenas atualmente é muito preocupante pois correm risco de desaparecer, pois, cada vez mais, o número de falantes vem diminuindo (Gomes, 2018).

**Tabela 3: Questão metalinguística (questionário 2) da aldeia Kopenoty**

2. Você sabe se a escola ou comunidade tem feito alguma coisa para revigorar (ou seja, trazer de volta) a língua e cultura Terenas? Se sim, o quê?

Identificação	idade	masc	Fem	Respostas
INF1MKO	55	X		Sim. Através da escola com a matriz curricular de língua materna.
INF2FKO	51		X	Sim. Através da disciplina de língua materna na escola, dança cultural, pintura corporal, cantos e artesanatos.
INF3MKO	48	X		Sim, mas não está sendo suficiente para revigorar a língua.
INF4MKO	45	X		Sim. Através da dança cultural, artesanato, pintura corporal e igreja.
INF5FKO	38		X	Sim. Através da dança cultural, artesanato, pintura corporal e igreja.

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2023.

**Tabela 4: Questão metalinguística (questionário 2) da aldeia Kuxonety Poke'ê**

2. Você sabe se a escola ou comunidade tem feito alguma coisa para revigorar (ou seja, trazer de volta) a língua e cultura Terena? Se sim, o quê?

Identificação	idade	Masc	Fem	Respostas
INF6MKU	72	X		Sim. Disciplina da língua materna, comunidades com dança tradicional, pintura corporal.
INF7FKU	68		X	Sim, através da disciplina de língua materna. Comunidades através da dança tradicional e igreja com hinos na língua Terena.
INF8MKU	56	X		Sim. A escola com a disciplina de língua materna.
INF9FKU	52		X	Sim. Disciplina de língua materna, comunidade com a dança tradicional.
INF10MKU	41	X		Sim. Muito pouco. A escola com a disciplina de língua materna, com a dança tradicional, artesanato, pintura corporal e igreja através de hinos na língua Terena.

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2023.

Conforme as respostas e demais apontamentos dos informantes, observamos que a cultura, assim como a língua vêm sendo pouco praticadas pelas comunidades, embora as escolas e as comunidades vêm buscando revigorar a língua e cultura, mas não está sendo suficiente para que possamos revitalizar ou trazer de volta a cultura ancestral do povo Terena. Como mencionamos anteriormente, a escola vem sendo um dos ambientes mais específicos para o ensino da língua, todavia coadunamos com o informante da aldeia Kopenoty INF3MKO, “o ensino da língua, hoje, vem sendo através da escola, nas aulas de língua materna, mas isso não vem sendo suficiente”.

Além do espaço escolar, os informantes INF4MKO, INF5FKO, da aldeia Kopenoty, e INF7FKU e INF10MKU, da aldeia Kuxonety Poke’é, citaram a igreja também como espaço de revitalização da língua, especialmente por causa dos hinos que são cantados em língua Terena.

O questionário semântico-lexical, com 35 perguntas, foi dividido em 7 campos lexicais (jogos e objetos de caças, alimentos, plantas, cultura, animais, pássaros e agricultura). Abaixo disponibilizamos o recorte selecionado para este artigo:

**Tabela 5: (questionário 3) Campo lexical alimentos da aldeia Kopenoty**

1. Como se fala na língua Terena para o animal que é pescado nos rios?

Identificação	Idade	masc	Fem	Respostas
INF1MKO	55	X		<i>Hôe (peixe)</i>
INF2FKO	51		X	<i>Hôe (peixe)</i>
INF3MKO	48	X		<i>Hôe (peixe)</i>
INF4MKO	45	X		<i>Hôe (peixe)</i>
INF5FKO	38		X	<i>Hôe (peixe)</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2023.

**Tabela 6: (questionário 3) Campo lexical alimentos da aldeia Kuxonety Poke´e**

1. Como se fala na língua Terena para o animal que é pescado nos rios?

Identificação	idade	masc	Fem	Respostas
INF6MKU	72	X		<i>Hoe (peixe)</i>
INF7FKU	68		X	<i>Hoe (peixe)</i>
INF8MKU	56	X		<i>Hoe (peixe)</i>
INF9FKU	52		X	<i>Hôe (peixe)</i>
INF10MKU	41	X		<i>Hôe (peixe)</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2023.

Analizamos as respostas coletadas dos informantes a respeito dessa pergunta do campo lexical alimentos, obtivemos a mesma resposta para a pergunta de todos os informantes da aldeia Kopenoty, todos responderam *Hôe*, que na língua portuguesa significa “peixe”.

Para essa pergunta, obtivemos apenas variação fonológica nas respostas dos informantes mais velhos da aldeia Kuxonety Poke´e, INF6MKU, INF7FKU e INF8MKU, que asseveraram que a escrita da resposta seria *Hoe*, como podemos observar, a diferença está na acentuação gráfica da palavra. Diante disso, observamos que o fator escolaridade pode contribuir para essa diferença, visto que os informantes que responderam a palavra sem acento gráfico são pessoas que não frequentaram a escola quando crianças, sendo que mencionaram que não sabiam se a palavra contém ou não acento gráfico, pois, relataram que aprenderam a língua Terena na oralidade e no convívio familiar, e com isso há dificuldade em escrever as palavras na língua Terena.

Com relação à escrita da palavra, encontramos *Hôe*, contendo acento gráfico circunflexo (Francisco; Francisco, 1997). Em Silva (2013), constatamos que a palavra é escrita como *Hoe*, sem acentuação gráfica na palavra.

**Tabela 7: (questionário 3) Campo lexical agricultura da aldeia Kopenoty**

2. Como se fala na língua Terena para a ferramenta que usamos para fazer a roça?

Identificação	Idade	Masc	Fem	Respostas
INF1MKO	55	X		Ahara (enxada)
INF2FKO	51		X	Ahara (enxada)
INF3MKO	48	X		Ahara (enxada)
INF4MKO	45	X		Ahara (enxada) xapilokoti (não localizada nos dicionários consultados)
INF5FKO	38		X	Ahara (enxada) xapilokoti (não localizada nos dicionários consultados)

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2023.

**Tabela 8: (questionário 3) Campo lexical agricultura da aldeia Kuxonety Poke´e**

## 3. Como se fala na língua Terena para a ferramenta que usamos para fazer a roça?

Identificação	Idade	Masc	Fem	Respostas
INF6MKU	72	X		Ahara (enxada)
INF7FKU	68		X	Ahara (enxada)
INF8MKU	56	X		Povoty (machado)
INF9FKU	52		X	Ahara (enxada)
INF10MKU	41	X		Não sabe

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2023.

Para essa pergunta do campo lexical agricultura, obtivemos, na aldeia Kopenoty, duas respostas, sendo elas: “Ahara”, proferida por todos os cinco informantes e que significa “enxada” na língua portuguesa e “Xapilokoti” (INF4MKO e INF5FKO) que, segundo estes entrevistados, significaria “foice” na língua portuguesa, como podemos observar, foram citadas duas ferramentas diferentes que usamos para fazer a roça.

Analisando as respostas dos informantes da aldeia Kuxonety Poke’e, obtivemos três respostas, sendo elas: “Ahara” e “Povoty” para essa pergunta do campo lexical agricultura, os informantes INF6MKU, INF7FKU e INF9FKU responderam “Ahara” que tem o significado de “enxada” e o entrevistado INF8MKU respondeu “Povoty” que significa “machado” na língua portuguesa, já o informante INF10MKU ressaltou que não sabe como se fala na língua Terena para a ferramenta que usamos para fazer a roça, ainda relatou que há muitas palavras na língua Terena que ele busca aprender, principalmente os nomes dos objetos já nomeados pelo povo Terena do estado de Mato Grosso do Sul, no entanto nos disse que ainda encontra dificuldade em falar a língua com fluência.

Realizamos a comparação das respostas obtidas nas duas comunidades e percebemos que todos os informantes da aldeia Kopenoty e três da Kuxonety Poke’e citaram “Ahara” em suas respostas, e obtivemos uma resposta diferente em cada comunidade “Povoty”, na Kuxonety Poke’e, e “Xapilokoti”, citada por dois informantes da Kopenoty. Nos dicionários consultados, apenas localizamos o vocábulo “Ahara”, grafado em Silva (2013), com o significado de “enxada”. Recorremos, novamente, a Semeghini-Siqueira e Rodrigues (2010) e, nesse dicionário, localizamos a lexia “Povôty”, com o significado de “machado”.

Cabe ressaltar que o povo Terena é conhecido como um povo agricultor, conforme Teixeira; Oliveira e Vertelino Marques (2021), neste sentido, os nomes das ferramentas usadas para fazer a roça são muito conhecidas pelo povo Terena, principalmente pelas pessoas mais velhas.

**Tabela 9: (questionário 3) Campo lexical pássaros da aldeia Kopenoty**

4. Como se fala na língua Terena para a ave que usamos a pena para produzir cocar?

Identificação	Idade	Masc	Fem	Respostas
INF1MKO	55	X		Kôeru (papagaio) parava (arara)
INF2FKO	51		X	Parava (arara), Koeru (papagaio)
INF3MKO	48	X		Koeru (papagaio), parava (arara)
INF4MKO	45	X		Parava (arara) koeru (papagaio)
INF5FKO	38		X	Parava (arara) koeru (papagaio)

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2023.

**Tabela 10: (questionário 3) Campo lexical pássaros da aldeia Kuxonety Poke´e**

5. Como se fala na língua Terena para a ave que usamos a pena para produzir cocar?

Identificação	Idade	Masc	Fem	Respostas
INF6MKU	72	X		Koeru (papagaio)
INF7FKU	68		X	Koeru (papagaio)
INF8MKU	56	X		Parava (arara)
INF9FKU	52		X	Koeru (papagaio)
INF10MKU	41	X		Parava (arara)

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2023.

Para essa pergunta do campo lexical pássaros, obtivemos, na aldeia Kopenoty, as respostas “Kôeru” citada pelo informante INF1MKO, que significa “papagaio”, “Koeru” dada pelos entrevistados INF2FKO, INF3MKO, INF4MKO e INF5FKO, com o mesmo significado, e “Parava” trazida por todos os cinco informantes e que significa “arara” na língua portuguesa.

Analisamos, também, as respostas dadas pelos informantes da aldeia Kuxonety Poke´e, obtivemos, igualmente, as respostas “koeru” (INF6MKU, INF7FKU e INF9FKU) que significa “papagaio” e “Parava” (INF8MKU e INF10MKU) que significa “arara” na língua portuguesa. Observamos que os informantes das duas comunidades não tiveram nenhuma dificuldade ao responderem à pergunta referente ao campo lexical pássaros, todos os 10 informantes responderam à pergunta. As respostas indicam que a língua Terena, em alguns termos mais específicos, ainda é bem lembrada por alguns membros das comunidades, uma vez que, para essa pergunta, não demonstraram nenhuma dúvida ao respondê-la.

Cabe ainda ressaltarmos que arara e papagaio são pássaros distintos, todavia as penas de ambos podem ser utilizadas para se fazer cocar e demais artesanatos. Inclusive, conforme matéria publicada no Jornal A Crítica de Campo Grande/MS, em 24 de agosto de 2017, atualmente tem se usado, para a confecção de cocares, penas de galinha e pássaros da região<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Informações disponíveis em: <https://www.acritica.net/editorias/cultura/artesanato-molda-cultura-e-promove-inclusao-da-populacao-indigena-na-e/234716/>. Acesso em 05 set. 2023.

Realizamos a comparação das respostas obtidas pelos informantes das duas comunidades, diante disso, observamos que não houve muita diferença nas respostas, tendo sido citadas as variantes “Koeru”, “Kôeru” e Parava”, que são as penas dos pássaros usadas para a produção de cocares, artesanatos, brincos e colares.

No que tange ao registro escrito, observamos que há dificuldades em algumas palavras sendo mais recorrentes nos usos de acento gráfico, visto que, ao responderem à pergunta, relataram que não sabiam se tinha acento gráfico na palavra em Terena, sendo assim, muitos pediram para escrever sem acento gráfico.

Nos dicionários consultados, encontramos apenas a entrada “Parava” (arara) em Silva (2013). Recorremos então a Semeghini-Siqueira e Rodrigues (2010) e, nesse dicionário, localizamos ambas as variantes, mas redigidas da seguinte forma: “Koêru” (papagaio) e “Paráva” (arara).

### **Considerações finais**

A língua Terena do estado de Mato Grosso continua viva, como observamos, através do léxico Terena, mas há uma grande preocupação em sua manutenção, visto que os falantes da língua são apenas as pessoas mais velhas das comunidades e muitos deles vêm esquecendo pouco a pouco o léxico da língua Terena, que atualmente se concentra em campos das atividades culturais, principalmente, e apresenta um estado de ameaça. Em vista disso, a análise dos percursos linguísticos socio-históricos que contribuíram para o atual estado de uso da língua Terena, nas comunidades, foi preponderante para trazer à tona respostas muitas vezes apagadas pelo tempo e pelos silenciamentos diversos.

Mesmo assim, foi possível destacar com os resultados que a língua Terena não é a primeira opção no dia a dia dos falantes, o que contribuiu para o esquecimento, já que a língua não está em uso natural nas comunidades, o que se agrava devido aos contatos linguísticos que estão dentro e fora das Aldeias, assim como também, pelos recursos linguísticos e não-linguísticos da modernidade, que permeia a realidade dos indígenas Terena, fundamental para que o vocabulário terena sofresse grandes ondas de desuso, empréstimos e modificações tantas que os falantes mais tradicionais, muitas vezes, sequer compreendem.

Voltando às duas problemáticas apresentadas inicialmente 1) Como se configura o léxico na língua Terena do Norte de Mato Grosso à luz da variação linguística? e; 2) Em que medida a pesquisa científica sobre o léxico da língua Terena em Mato Grosso pode contribuir nas ações de revitalização da língua nas comunidades pesquisadas? a pesquisa realizada

apresentou um cenário importante sobre o léxico em uso ou em memória nos falantes indígenas Terena, através de dados que demonstraram o uso da língua Terena priorizado em eventos culturais simbólicos, em que esses papéis sociais mais se evidenciam, pois quem tem a palavra em Terena, de fato, são as lideranças das comunidades.

Referente aos aspectos culturais compartilhados, a língua demonstrou ser um instrumento de afirmação cultural, movimentando as concepções referentes à memória e identidade do povo Terena de Mato Grosso. A língua Terena está sendo usada nas comunidades e em algumas interações cotidianas, porém, não há uma percepção por parte da maioria dos demais falantes, da necessidade comunicativa em língua indígena Terena para além desses momentos vivenciados, visto que a língua portuguesa, sendo colocada pelos Terena de Mato Grosso, como a primeira língua nas interações cotidianas, atende as necessidades comunicativas internas e externas às aldeias, ampliando assim a gama em suas relações interculturais

Através dos dados apresentados e analisados, constatamos que atualmente a situação sociolinguística das duas comunidades aponta para o bilinguismo, mas há divergências no que tange às formas de registro escrito da língua. O léxico em manutenção tem forte influência da língua Terena falada em Mato Grosso do Sul, considerando empréstimos da língua portuguesa específicos dos usos no contexto do Norte de Mato Grosso.

Em relação às estratégias de revitalização da língua Terena no Norte de Mato Grosso, especialmente no sentido de levar à reflexão para que ela seja aprendida de maneira formal e informal, considerando as variações e mudanças naturais que ocorreram, não só pela passagem do tempo, mas também por causa dos movimentos migratórios, existe um apelo para que seja adotada pelas futuras gerações de maneira mais efetiva, fortalecendo o pertencimento e engajamento cultural, ideal que compõe toda a história do povo Terena de Mato Grosso, visto que teve suas marcas indígenas muitas vezes questionadas.

Quanto às iniciativas de revitalização que podem ser apontadas, destaca-se a produção de artesanato, pintura indígena Terena, aulas semanais de língua materna, festas culturais e hinos religiosos na língua Terena, em que as interações em língua Terena são manifestadas com maior frequência e simbolismo ancestral.

Certamente, a história da resistência que o povo Terena do Norte de Mato Grosso enfrenta em manter a língua e cultura vivas há muito tempo motivadora da luta e resistência mesma com que organizamos esta pesquisa, pois por muitas vezes presenciamos o anseio, por parte de membros das comunidades, em ir em busca de políticas linguísticas que pudessem nos amparar para viabilizar estudos mais amplos para a revitalização da língua Terena.

Apesar de todas as dificuldades em implementar uma ação efetiva, nós Terena e tantos outros povos em situações parecidas, lutamos e resistimos para mantermos a língua viva e nos adaptarmos à nova realidade. Desistir nunca foi uma opção para nós e nunca será, o desafio de estarmos em espaços onde nossa presença não é comum ou esperada é diário, mas continuamos uns pelos outros em uma resistência que, ao mesmo tempo é individual, mas também coletiva. Cabe, assim, finalizarmos, dizendo que: *Ako topi koeku ne vexetina* (A nossa história se conta em vários sentidos).

### Referências

- COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da. *Revitalização e ensino de língua indígena: interação entre sociedade e gramática*. 2013. 354f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.
- DUARTE, Fábio Bonfim. Diversidade linguística no Brasil: a situação das línguas ameríndias. *Revista Caletroscópio*, Mariana, v. 4, n. Especial (II DIVERMINAS), p. 27-62, set., 2016. DOI: <https://doi.org/10.58967/caletroscopio.v4.nesp.2016.3665>. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/3665>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- FRANCISCO, Célio dos Santos; FRANCISCO, Marta Alexandre. *Pequeno dicionário da língua terena Vemó'U: dicionário aruak-português para I e II graus*. Campo Grande, MS: Gráfica e Editora Ruy Barbosa, 1997.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. O social da Sociolinguística: o controle de fatores sociais. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 43-58, 2011. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v8n1a7958>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7958>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- GOMES, Timóteo Reginaldo. *Revitalização da Língua Terena no Mato Grosso*. Guarantã do Norte, 2018.
- HYMES, Dell. 'Models of the interaction of language and social life'. In: GUMPERZ, John Joseph; HYMES, Dell (eds). *Directions in sociolinguistics: The ethnography of communication*. New York. Holt, Rinehart & Winston, 1972, p. 35-71.
- ISAAC, Paulo Augusto Mário. *Modo de existir Terena na comunidade multiétnica que vive em Mato Grosso*. 2004. 317f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- LADEIRA, Maria Elisa Martins. *Língua e História*. Análise sociolinguística em um grupo terena. 2001. 179f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. The ethnography of communication: an introduction. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 1, n. 1, 2011. DOI: 10.14393/DL1-v1n1a2007-13. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL1-v1n1a2007-13>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11406> Acesso em: 10 abr. 2024.

LUZ, Jislaine da. *O caminhar indígena por uma pedagogia (inter)culturalmente sensível: interações sociolinguísticas na Escola Estadual Indígena Élio Turi Rondon “Terena”*. 2020. 148f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, 2020.

NASCIMENTO, André Marques do. *Português Intercultural: Fundamentos para a educação linguística de professores e professoras indígenas em formação superior específica numa perspectiva intercultural*. 2012. 476f. Tese (Doutorado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

NINCAO, Onilda Sanches. Alfabetização e letramento em língua Terena: aspectos políticos e pedagógicos. *Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem*, Campo Grande, v. 2, n. 2, p. 72-84, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/educacaoculturalinguagem/article/view/2976>. Acesso em: 27 set. 2023.

OSÓRIO, Paulo; MARTINS, João. Sociolinguística e ensino de línguas: teorias e enquadramentos epistemológicos. *Confluência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 56, p.115 -132, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.v1i56.275>. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/275>. Acesso em 20 set 2023.

SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idméa; RODRIGUES, Livia de Araújo Donnini. *Vocabulário Bilíngue Terena – Português*. São Paulo: Secretaria de Estado de Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010.

SEKI, Lucy. A linguística indígena no Brasil. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 15, n. especial, p. 257 - 290, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/40374>. Acesso em: 27 set. 2023.

SILVA, Denise. *Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário Terena-português*. 2013. 292 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Araraquara, 2013.

SILVA, José de Oliveira dos S. da (Nek’i Satere Mawe); FRANCESCHINI, Dulce do Carmo; CARNEIRO, Denize de Souza. Revitalização linguística e cultural sateré-mawé. *Anais do Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística*. Volume 1. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

TEIXEIRA, Lovania Roehrig; OLIVEIRA, Caroline Pereira de; VERTELINO MARQUES, Kassiely Odeth. Considerações sobre variação linguística na língua Terena. *Raído*, Dourados, v. 15, n. 39, p. 80–100, 2021. DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v15i39.14903>. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/14903>. Acesso em: 20 set 2023.

*Recebido em 14 de dezembro de 2023  
Aceito em 20 de abril de 2024*